



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6712 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: TEXTOS QUE OS ADULTOS POUCO CONTAM

Lilian Fonseca Lima - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Rosemary Lapa Oliveira - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: TEXTOS QUE OS ADULTOS POUCO CONTAM

1 INTRODUÇÃO

No cenário atual é perceptível que vários elementos culturais são utilizados na sociedade para discutir questões da diversidade, dentre eles cito alguns: os filmes, as novelas, as propagandas e, também, os livros, todos esses disseminam informações, emitem ideias, valores e concepções a respeito de determinados grupos e comunidades. Enquanto sujeitos históricos, as crianças estão envolvidas nesse processo cultural no qual “particulares visões de mundo, de gênero, de sexualidade, de cidadania entram em nossas vidas diariamente” (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p. 57), e, conseqüentemente, na vida das crianças.

A leitura literária no ambiente escolar se consolida através de muitas ações pedagógicas, dentre as quais está a decisão sobre que obras indicar aos estudantes, a escolha de títulos a ser adquiridos pela escola, qual/quais autoras/es selecionar, bem como nas estratégias de leituras literárias utilizadas. Essa tomada de decisões demonstra como o fazer pedagógico se realiza numa profusão de gestos e circulação de discursos, falas e sentidos (ORLANDI, 1999) corroborando que esta pesquisa ao discutir a linguagem, filia-se com os estudos no campo da formação de professores e nos permite compreendê-la como campo multifacetado e multideterminado, imerso numa cultura e por objetos que a constituem (NOGUEIRA, 2013).

A pesquisa com narrativas não é uma novidade bem como possuem algumas vertentes. Pesquisadores como José Contreras Domingo (2016); Jorge Larrosa (2019; 2004) dentre outros tomam por viés a experiência formativa, que se constitui um caminho pautado pela via do acontecimento e possui uma emergência para compreensão do seu fazer profissional enquanto imerso em uma prática cultural. A narrativa no contexto de experiência formativa a ser investigada nesta pesquisa, tem como objeto empírico a experiência vivida, porém mesmo contendo muito de autobiografia “não faz emergir o sujeito, e sim a lição que se extrai da experiência” (LIMA; GERALDI; GERALDI, p. 27, 2015).

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado iniciada em 2020. O estudo visa compreender as relações entre a leitura literária em contexto de diversidade e suas ressonâncias na experiência formativa de futuros docentes. É uma pesquisa de base qualitativa cuja dimensão epistêmico metodológica se ancora na noção de experiência (CONTRERAS DOMINGO, 2016; LARROSA 2019; 2004). Utiliza como dispositivo o Círculo de Experiência Literária, inspirado nas ideias de Rildo Cosson (2014), como meio para as narrativas de experiência formativa, participarão como colaboradoras da investigação alunas do curso de Pedagogia cuja adesão se dá através de preenchimento de formulário distribuído e devolvido de forma voluntária. Por se tratar de uma pesquisa em fase inicial, não é possível no momento da escrita deste texto apresentação de dados.

Dessa maneira, nossa discussão está organizada com uma apresentação de um cenário sobre a formação inicial de professores, seguida de uma reflexão sobre literatura para infância e finalizando com algumas pistas para futuras conversas. Para tanto, o debate será norteado pelos campos teóricos dos Estudos em Literatura e da Educação considerando o recorte na literatura para infância e na formação de professores.

2 FORMAÇÃO DOCENTE E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

A proposição desta pesquisa que toma por viés a experiência de formação, se constitui um caminho pautado pela via do acontecimento em que os futuros docentes se verão inseridos em uma prática cultural própria do seu fazer profissional e entendida “como um acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido [...]” (LARROSA, 2019, p. 18), abre-se como possibilidade de pensar a leitura, como mote de constituição do sujeito da linguagem, posto que:

Sem ela não se pode aprender. Sem ela não se podem expressar sentimentos. Sem ela, não se podem imaginar outras realidades, construir utopias e sonhos. Sem ela não se pode falar do que é nem do que poderia ser (FIORIN, 2008, p. 29).

Ao contextualizar as problematizações trazidas e alocarmos a linguagem que é materializada nos textos literários, é possível colocar o professor como um leitor que atribui sentidos como seres historicamente situados que são, pois “a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais” (BRANDÃO, 2004 p. 11). Portanto, o trabalho pedagógico que se realiza nas escolas, encontra nesse espaço

uma multiplicidade de identidades sociais, definidas e disputadas por diferentes movimentos como os feministas, os movimentos de libertação nacional, os movimentos étnico-raciais, os movimentos gays e lésbicos, os movimentos ecológicos (para ficar nos exemplos mais conhecidos e nomeados), e todos estes grupos se fazem representar, ou desejam se fazer representar no espaço escolar e nos currículos que nele se desenvolvem, é que a escola contemporânea é, também, palco de disputas e de conflitos importantes. (MEYER, p. 21.)

Desse modo, pensar a formação demanda compreender o intrincado e complexo tecido no qual ela é costurada. Discutir gênero e sexualidade no âmbito formativo docente se faz necessário, pois trata-se de uma questão que carece ser problematizada e desencadear uma maior compreensão dos processos pelos quais uns grupos são mais valorizados que outros,

constituindo-se pauta urgente e necessária para a educação e para a formação dos professores (FELIPE, 2007). Na perspectiva de Louro (2008), gênero e sexualidade são também entendidos como discursos, modos discursivos, tratados como constructos que se fazem pela cultura, espaços linguísticos e culturais.

A proposição ensejada pelas autoras, encontra eco nas palavras de Macedo (2012) quando referindo-se à preparação formal para o exercício da docência, aposta que tal proposta se efetivará:

Nas experiências cotidianas miúdas, nas brechas, nas frestas e fissuras, nas reexistências afirmativas, nas transgressões, nas rasuras, nas rebeldias e traições cotidianas, nas opacidades, na clandestinidade, nas diversas micro-ousadias, nas epifanias que irrompem, acontecem ações instituintes. [...] que se instituem como temporalidades outras, realizações curriculares outras, bricolagens outras. (MACEDO, 2012, p. 12).

Isso implica empregar uma visão mais verticalizada sobre os processos formativos, quanto a aquisição de conhecimentos e saberes sobre a futura profissão. Essas demandas, exigem que levemos em conta “seus movimentos, diferenciações, conflitos, realizações, contradições, renovações/inoações” (GATTI et. all., 2019 p. 14). Refletir sobre as condições que devemos considerar sobre a formação docente, compromete-se com a elucidação do processo de construção do conhecimento e de sua identidade.

E, nesse panorama, a literatura se faz presente na ação pedagógica, tornando-se um importante dispositivo que se faz na trama discursiva, na qual professores são sujeitos em relações com outros (crianças, jovens, adultos, idosos). Por isso, é primordial para essa investigação tecer os fios que envolvem os significados, as relações e subjetividades sobre sexualidade e educação decorrentes das experiências de futuros docentes com a literatura literária e cujo novo discursivo alcançam narrativas que tematizem a diversidade sexual.

2.1 ALGUMAS QUESTÕES SOBRE LITERATURA PARA INFÂNCIA

A emergência das temáticas que abrangem as diversas linguagens, mais especificamente a literatura, suscita a necessidade de olhar e ver as diferentes crianças em seus tempos de infância que circulam nas salas de aula e que deve constituir-se objetivo do fazer educativo.

Alberto Manguel (2008) ao referir-se às contribuições da leitura para o ser humano, discute as várias potencialidades da ficção e do imaginário, posto que a imaginação é a princípio um mecanismo de sobrevivência, como nos fala no livro *A cidade das Palavras*. Assim a ficção é necessária para que conheçamos sobre nós mesmos e sobre o que nos torna profundamente humanos, pois “uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é nosso” (ANDRUETO, 2008, p. 55).

Nesse sentido, ao tratar sobre o livro que a criança prefere, MEIRELES (2014) aponta o lugar comum que seria adotar a questão do estilo, ou pontos de vista úteis (considerados pelos adultos) para seus leitores, ou ainda se não estarão servindo a preconceitos, como critérios dessa escolha, e defende que o mais acertado seria submetê-lo ao seu maior interessado, a criança, haja visto a possibilidade de “[...] entre um livro escrito especialmente

para ela e outro que não o foi, venha a preferir o segundo. Tudo é misterioso, nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar”. (MEIRELES, 2014, p. 18).

Sisto (2012) explica que na contemporaneidade escritores trouxeram não apenas outras linguagens como também outras temáticas para pensar a literatura “infantil”, pois os elementos que aproximam o leitor de uma história, não deve afastar o outro por encontrar-se num ciclo de vida diferente:

E temos, todos, muitas infâncias, a cronológica inclusive! E precisamos preencher o espaço poético dessa lacuna que nos separa – adultos – da infância reaprendendo a olhar, porque, com o tempo, vamos perdendo a nitidez dos detalhes, nossas leituras da infância vão ficando como filme velado, fantasmas só com contornos e sem definição, até esquecermos de como é ser menino. (SISTO, 2012, p. 80).

Mas, o que nós professoras e professores nos dispomos a ver, ou o que deixamos passar? Se as escolas estão inseridas numa dada cultura, é preciso, como afirma Giroux (1995, p. 95) “analisar a forma como a linguagem funciona para incluir ou excluir certos significados, assegurar ou marginalizar formas particulares de se comportar e produzir ou impedir certos prazeres e desejos” (apud, COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 57).

No cenário contemporâneo, o texto ficcional para crianças precisa tratar os temas emergentes a exemplo da vivência e existência da homossexualidade, de outros arranjos familiares, assim como outras temáticas também consideradas tabu.

Tratando da análise da literatura na infância com temática em gênero e sexualidade, Xavier Filha (2014, p. 155) toma os livros como artefatos culturais, que “produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma “adequada” e “normal” de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade” (grifos da autora).

Essas discussões, nos possibilitam dimensionar o alcance que tais ideias difundidas através da linguagem e retratada em textos literários, alcançam crianças, jovens e adultos, bem como professoras/es e demais agentes educacionais prescrevendo o modo de comportamento esperado para meninos/meninas; homem/mulher; professor/professora através de diferentes práticas.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Em se tratando de uma pesquisa em sua fase inicial, ainda não há possibilidade de indicação de dados, mas bancamos a seguinte aposta: *I-* no discurso como produtor de sentido; e *II-* no potencial formativo das narrativas de experiência na formação de professores, uma vez que esse é um processo que congrega a articulação de múltiplos saberes e diferentes práticas culturais.

Isto posto, permite conceber a linguagem como competência humana que permite expressar as singularidades, os modos de pensar e agir, como prática social e elemento constitutivo do processo de escolarização, com foco na leitura de textos literários que se materializam de várias formas na ação de ensinar e nas atividades escolares.

4 ALGUMAS PISTAS PARA FUTURAS CONVERSAS

Discutir sobre a formação docente se faz relevante em um cenário tão complexo como o que estamos atravessando, no qual diferentes demandas estão postas em torno do complexo processo de construção do conhecimento dentro da profissão. Os pontos de reflexão aqui desenhados reforçam a necessidade de nos aproximarmos do imaginário construído pelos professores em relação à escola, ao ser professor, à docência e à sua experiência com as diversas linguagens no exercício de sua futura profissão.

Tais considerações indicam que interligar os campos da linguagem e da formação de professores como forma de desvelar como se realizam as práticas educativas, devem considerar preponderadamente a constituição que essa modalidade de ensino apresenta, a partir de sua característica multifacetada.

Resumo: As reflexões a que este texto convida fazem parte de uma pesquisa de doutoramento que tem início em 2020. O estudo visa compreender as relações entre a leitura literária em contexto diversidade e suas ressonâncias na experiência formativa de docentes em formação inicial, numa IES no estado da Bahia utilizando como dispositivo o Círculo de Experiência Literária, inspirado nas ideias de Rildo Cosson. É uma pesquisa de base qualitativa cuja dimensão epistêmico metodológica se ancora na noção de experiência de Domingos Contreras. Como instrumentos de coleta será utilizado as narrativas de experiência formativa, participando como colaboradoras da pesquisa alunas do curso de Pedagogia cuja adesão foi realizada através de preenchimento de formulário distribuído e devolvido de forma voluntária.

Palavras-chave: Formação de professores; Literatura; Criança.

REFERÊNCIAS

- BRANDAO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 2ª ed. Ver. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, ago. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 jul. 2020.
- DOMINICE, Pierre. A epistemologia da formação ou como pensar a formação. In: FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pro-Posições**, v. 18, n. 2 (53) - maio/ago. 2007.
- FILHA, Constantina Xavier. Gênero corpo e sexualidade nos livros para infância. *Educar em Revista*. [S.I], p. 153-169 may. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36546>> acessos em: 12/08/2020.
- FIORIN, José. Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. **Alea**, v. 10 n. 1. Jan/Jun. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/alea/v10n1/v10n1a03.pdf>>.
- LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O TRABALHO COM NARRATIVAS NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982015000100017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 ago. 2020.

LOURO, Guacira. Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. Formacce: tempoespaço de multirreferências e intercriticidade em currículo e formação. In: MACEDO, R. S. [et al], (orgs). **Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas**. Salvador: EDUFBA, 2012. (Escritos formaceanos em perspectiva). p. 13-16.

MANGUEL, Alberto. **A cidade e as palavras: as histórias que contamos para saber quem somos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 4 ed. São Paulo: Global, 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e sexualidade na educação escolar. In: BRASIL. Salto para o futuro. Ministério da Educação. Ano XVIII - Boletim 26 - Novembro de 2008.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. Propostas pedagógicas como instrumentos técnico-semióticos: desenvolvimento cultural e construção da atividade docente. In: SMOLKA, A. L.; NOGUEIRA, A. L. H (orgs). **Estudos na perspectiva de Vygotski: gênese e emergência das funções psicológicas**. 1 ed. – Campinas, SP Mercado das Letras, 2013. (Série desenvolvimento Humano e práticas culturais).

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SISTO, Celso. Literatura das Infâncias. In: SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. ver. amp. Belo Horizonte: Aletria, 2012. p. 79-81.